

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PESQUISA EM PSICANÁLISE¹

Marcele Teixeira Homrich Ravasio².

¹ Este ensaio teórico é excerto oriundo da tese de doutorado "Tempos, movimentos e escrita: experiência de escuta analítica de professoras" apresentada do PPG Educação da UFRGS.

² Psicóloga, Mestre em Educação pela Unisinos e Doutora em Educação pela UFRGS, no eixo de pesquisa Educação e Psicanálise. Docente do DHE - UNIJUÍ.

O trabalho apresenta um ensaio teórico, que se delinea como pesquisa bibliográfica acerca da pesquisa em psicanálise, tendo como pergunta: como se constrói a pesquisa em psicanálise? Tem como objetivo indicar considerações sobre as especificidades da pesquisa em psicanálise.

A metodologia utilizada é pesquisa bibliográfica, que caracteriza-se como pesquisa qualitativa que busca não somente definir e refinar um problema de pesquisa pertinente, mas também para obter uma ideia precisa sobre o estado atual dos conhecimentos sobre um dado tema, as suas lacunas embasamento teórico foi construído, fundamentalmente, a partir das formulações de Freud (1974), Dunker (2010), Iribarry (2003), Caon (1994), Berlinck (2008), Poli (2005), Figueiredo (2008) e Laplanche (1987).

Freud, no percurso de escrita de sua obra, assume uma posição de escuta de seus pacientes que demonstram a singularidade de abrir perguntas, e estas possibilitam a escrita de possibilidades – ou seja, suas teorizações são sempre marcadas com um estilo literário que opera com as proporções da certeza. Nessa vertente, Freud, como escritor, sempre deixa espaço para o não saber, para o enigma. O processo criativo e interpretativo de Freud é elaborado a partir da sua experiência, endereçando ao leitor indícios de uma aventura que se revela parágrafo a parágrafo, apontando para um terreno passível a mutações, possibilitando perceber suas construções e elaborações das mais tenras às mais complexas, e os giros que surgem no transcorrer da experiência que se transmuta em escrita (MAHONY, 1992).

Na presente investigação, consideramos essa posição de escrita uma transmissão freudiana que merece espaço, pois, afinal, é essa posição frente ao enigma que marca a singularidade da pesquisa em psicanálise. Um enigma que se inscreve no percurso do pesquisador que se envereda a dar cunho de escrita para aquilo que escuta.

Nas palavras de Freud: “Uma das reivindicações da psicanálise em seu favor é, indubitavelmente, o fato de que em sua execução, pesquisa e tratamento coincidem [...]” (1974c, p. 152). A psicanálise estrutura-se a partir de experiência investigativa, na qual Freud se dedica a escutar seus pacientes, que apresentavam sofrimentos até então compreendidos a partir de um discurso médico. Como efeito dessa escuta, a psicanálise tem seu nascimento. Assim, a investigação e a experiência andam juntas, sendo que a psicanálise nasce de uma prática.

É pertinente apontar que a investigação pautada por Freud, ao escutar seus pacientes, foi em grande parte efeito do que os pacientes produziam ao falar, sendo que encontravam em Freud a capacidade de escuta atenta e dedicada, necessária para extrair uma teoria sobre o funcionamento do psiquismo. A força do trabalho freudiano residia na sua capacidade de acolhimento àquilo que se apresentava como diferença, não categorizando em conhecimentos já nomeados pela medicina da época, mas

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

sim porque entrava em campos insabidos, dando espaço para uma nomeação que viria permeada pela escrita, onde esta servia de suporte para a formulação da sua escuta.

Conforme indicam Laplanche e Pontalis (2001), podem-se distinguir três níveis: como tratamento, como pesquisa e como uma teoria psicológica. Como pesquisa, consiste em evidenciar o significado inconsciente das palavras, das ações, das produções imaginárias de um sujeito. No que se refere ao tratamento, estaria intimamente ligado à pesquisa e delineado pela interpretação e pela transferência. O conjunto de dados sistematizados pelo tratamento e pela pesquisa dá origem à teoria psicológica. Portanto os três níveis estão relacionados e sustentam um ao outro. Nessa perspectiva, o trabalho com o inconsciente, que se coloca como enigma, é aquele que produz movimento de pesquisa, movendo o tratamento a partir de um campo teórico.

Sendo a experiência e a pesquisa inextrincáveis no trabalho psicanalítico, assinalamos a importância de diferenciar a formação em psicanálise, a graduação e a pós-graduação. A psicanálise não é uma disciplina propriamente universitária, sendo que existem diferenças entre o ensino da psicanálise enquanto campo teórico e a transmissão da psicanálise enquanto elemento oriundo e sustentado na relação com a alteridade.

Conforme Iribarry (2003), é cada vez mais frequente a procura pela pesquisa psicanalítica, na qual os profissionais que optam pelo caminho da graduação e pós-graduação desejam pautar suas investigações a partir de uma apropriação do método freudiano. Nesse sentido, é pertinente situar as diferenças entre a pesquisa como efeito da formação em psicanálise e a pesquisa que tem unicamente um destino acadêmico.

Concordamos com Dunker (2010), quando este afirma que não existe uma dissertação ou tese em psicanálise, mas, sim, teses com aproximações, mais especificamente no campo da psicologia clínica, da teoria psicanalítica ou da epistemologia psicanalítica, sendo que a psicanálise não é uma disciplina universitária. Portanto a formação em psicanálise e a formação acadêmica podem estar juntas, mas cada uma carrega suas especificidades.

Nessa via, as considerações propostas por Dunker (2010) discutem a diferença entre ensino e transmissão. A psicanálise, enquanto ensino, trabalha com considerações teóricas; para elaborar uma tese a partir dessa teoria, não é necessário ser psicanalista, não são necessários percurso de análise, supervisão e estudo contínuo com horizonte de sustentação da alteridade. Essa última consideração trata da transmissão que incide em uma posição subjetiva. A formação em psicanálise é um processo que está adiante da graduação e pós-graduação, sendo que a formação acadêmica pode ocupar um lugar suplementar na formação do psicanalista, mas não sustenta a posição necessária de um psicanalista.

Portanto a graduação e pós-graduação não substitui e não é igual à formação em psicanálise. Conforme apontado por Dunker (ibidem), a formação em psicanálise pode apresentar elementos fundamentais nas questões de elaboração do método da pesquisa. Se o pesquisador optar apenas pela pós-graduação e estiver interessado pela pesquisa em psicanálise, deixando a formação para 'outra hora', os efeitos virão na escrita do capítulo sobre o método. Na vertente que interessa, cabe salientar que a psicanálise não tem um método – ela própria é o método –, assim a formação coloca-se como elemento estrutural.

Com Freud (2006h), encontram-se as primeiras formas da pesquisa, especificamente nos cinco casos clínicos que relatou em suas obras completas. Assim, tem-se a pesquisa psicanalítica imbricada na própria psicanálise, na experiência freudiana; elas não são dois campos distintos, mas

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

campos que se estruturam em relação. Desde sua origem, a psicanálise, como metodologia de pesquisa, é a própria psicanálise, sempre oriunda de uma experiência, de um percurso de trabalho, sustentado na teoria, propondo-se à investigação de um enigma.

Conforme indica Iribarry (2003), a singularidade da pesquisa psicanalítica é um elemento fecundo, pois ela não inclui em seus objetivos a necessidade de inferência generalizadora, ou seja, para amostra ou para população. O campo teórico em psicanálise exige do pesquisador a apropriação da técnica a partir de um estilo que se cria no manejo do tratamento. Portanto é sempre singular. Nesse prisma, poder-se-ia apontar que o método é o manejo e a construção das teorias de associação livre, transferência, interpretação, nas suas mais variadas possibilidades de delineamentos, de forma tal que se tenha acesso às justificativas e às descrições de seus procedimentos para a transposição para uma pesquisa ‘científica’. Desse modo, compreendemos que o método é construído adequadamente ao objeto de pesquisa, isso produz um método sempre particular, intransferível. Assim “o método da pesquisa psicanalítica somente pode ser compreendido a partir daquilo denominamos de situação psicanalítica de pesquisa” (ibidem, p. 122).

O trabalho do psicanalista é caracterizado pela investigação, sendo os delineamentos do método são estruturados na escuta e nos manejos que a transferência impõe. Nessa perspectiva, a pesquisa não apresenta uma metodologia a priori, ou seja, não existem questionários elaborados previamente, assim como a inscrição de um campo de análise também é construída no decorrer do percurso.

A herança freudiana sobre a irredutibilidade da psicanálise a uma técnica que tenha efeito de uma regra absoluta se reatualiza no momento da escrita e da transmissão de uma experiência. Existe uma impossibilidade de generalização da técnica, considerando que as intervenções devem ser construídas singularmente como efeitos de uma escuta. Ou seja, as generalizações teóricas, quando são submetidas ao trabalho de campo propriamente dito, sofrem transformações, suspensões, para serem reinventadas, tendo a transferência como suporte fundamental. Conforme aponta Freud:

A extraordinária plasticidade de todos os processos mentais e a riqueza dos fatores determinantes opõem-se a qualquer mecanização da técnica; e ocasionam que um curso de ação que, via de regra, é justificado, possa, às vezes, mostrar-se ineficaz, enquanto outro que habitualmente é errôneo possa, de vez em quando, conduzir ao fim desejado. (1974c, p. 164).

A psicanálise apresenta como marca a prioridade com o estilo e a singularidade de cada sujeito. Assim como no processo de análise, a pesquisa psicanalítica é sempre uma apropriação do autor, que depois de estudar e ter um enigma, uma pergunta, filia-se a essa vertente e a singulariza na realização de uma pesquisa. Nesse viés, pode-se indicar a apropriação e a possibilidade de transmissão de uma experiência.

Nessa perspectiva, o pesquisador é o primeiro sujeito da pesquisa. O campo de trabalho é escutado a partir da transferência, e a partir daí o pesquisador oferece o testemunho da sua investigação. Nesse sentido, segundo Berlinck (2008) e Poli (2005), uma pesquisa em psicanálise sustenta-se, em primeiro lugar, pela transferência, colocando o psicanalista num lugar muito específico, que é o lugar de um saber a partir de um enigma. Esse enigma lança o psicanalista numa atividade de pesquisa, pois ele sabe, ou pelo menos desconfia, de que ele não sabe aquilo que supõem que ele sabe. O tema de pesquisa contém um enigma, portanto a base da pesquisa são as perguntas que possam sustentar a atividade.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Nesse ponto, salientamos a transferência como eixo na relação com a pesquisa, como aquilo que lança enigma ao pesquisador e que supõe um não saber, sustentando paralelamente um desejo de saber. Enigma supõe não saber. Nesse viés, Figueiredo (2008) condena a tentativa de querer colocar os elementos complexos da clínica psicanalítica nos padrões da ciência, pois a pesquisa e a construção teórica devem vir depois, e não estorvar ou impor seus meios e fins. Complementa o autor:

O pesquisador tende a preferir fenômenos mais claros e identificáveis, processos mais previsíveis, sobre os quais exercer o controle. O clínico deve renunciar a este controle e a estas previsões, confiando em que o processo anda e deve andar por si só. (ibidem, p. 22).

A pesquisa psicanalítica tem como objetivo compartilhar reflexões com a comunidade, fugindo da imagem tradicional de pesquisa científica. Segundo Fedida (1992), procura-se produzir um pequeno espanto e descobertas feitas pelo leitor, permitindo novos sentidos, conceitos, elaborando encaminhamentos possíveis.

Caon (1994) define quatro momentos pelos quais passaria a pesquisa psicanalítica. Na análise pessoal, considerada o primeiro eixo, o pesquisador/analizando busca desbravar em suas próprias perguntas, enveredando em seus enigmas e processos inconscientes. No percurso da análise, acontecem as primeiras aproximações com o objeto de pesquisa. O segundo momento é a clínica, na qual o psicanalista trabalha o inconsciente, interrogando-se sobre outros restos inesgotáveis, abrindo espaço para o interrogar-se e a construção de novos conceitos que contribuam para a psicanálise. A supervisão, sendo o terceiro momento, proporciona uma escuta outra, possibilitando ao pesquisador ir delineando seu objeto de pesquisa. O quarto eixo é a escrita da pesquisa, que demanda alteridades que propiciem o endereçamento de uma escrita com estilo de texto específico.

Todos esses eixos da pesquisa psicanalítica estão atravessados por alteridades que acompanham esses momentos, sendo um grupo de interlocutores que acolham a produção do pesquisador, assim como o analista acolhe na análise, e o supervisor acolhe o fazer clínico do psicanalista. Essa acolhida é um momento que produz espaços criativos no texto, para que novas reflexões possam ser amarradas e outras desfeitas e reelaboradas.

Ensino e transmissão são campos diferentes, mas que se entrelaçam no percurso da pesquisa, colocando em evidência, principalmente, elementos referentes ao método, transparecendo a forma como o pesquisador posiciona-se frente à formação em psicanálise. Os métodos são múltiplos e sempre construídos em coerência com o objeto de estudo, levando em conta a lógica 'cada caso é um caso', não permitindo uma cópia, uma duplicação.

Consideramos fundamentais os eixos propostos por Caon (1994), assim como as proposições de Berlinck (2008), Poli (2005) e Figueiredo (2008), que convergem na compreensão da pesquisa em psicanálise sustentada por um não saber, um enigma, que nasce e se sustenta pela transferência. Conforme assinalam Voltolini, Dunker e Jerusalinsky (2008), sobre o quanto de conhecimento e o quanto de saber estará em exercício na pesquisa, o saber está na ordem da ignorância, da interrogação, do inconclusivo, do que não cessa de lançar novas questões, mesmo no suposto fim da escrita da investigação..

Assim, a sustentação dessa posição frente à escrita de uma pesquisa proposta pelo viés psicanalítico se dá pelos eixos propostos por Caon (1994), já apresentados por Freud para a formação em

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

psicanálise. Mesmo que haja clareza das diferenças entre formação lato sensu e stricto sensu e formação em psicanálise, consideramos que a possibilidade de uma posição subjetiva ao encontro do que não se sabe, a parcialidade da construção do conhecimento, e este tido como a possibilidade de transmissão de uma experiência são entendidos, no presente trabalho, como pontos de referência. A pesquisa em psicanálise não se dá apenas em um curso, mas em um percurso o qual o pesquisador se propõe a percorrer, estando para além do meio acadêmico.

Palavras-chave: psicanálise; pesquisa; formação; ensino.

Referências bibliográficas

BERLINCK, M. T. Considerações sobre a elaboração de um projeto de pesquisa em psicanálise. Psicopatologia Fundamental, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/spac/arquivos/Consideracoes%20sobre%20a%20elaboracao%20de%20projeto%20de%20pesquisa%20em.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2011.

CAON, J. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. Psicologia, Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 147-174, 1994.

DUNKER, C. I. L. Os 27 + 1 erros mais cometidos de quem quer escrever uma tese em psicanálise. Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba, v. 20, 2010.

FEDIDA, P. Nome, figura e memória. São Paulo: Escuta, 1992.

FIGUEIREDO, L. C. M. Ética e técnica em psicanálise. São Paulo: Escuta, 2008.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In: _____. Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 147-159.

_____. Esboço de psicanálise. In: _____. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 23. Rio de Janeiro: Imago, 2006h.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica. Ágora, v. 6, n. 1, p. 115-138, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v6n1/v6n1a07.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2010.

LAPLANCHE, J. Nouveaux fondements pour la psychanalyse. Paris: Pour, 1987.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MAHONY, P. Freud como escritor. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XXI Jornada de Pesquisa

POLI, M. C. Pesquisa em psicanálise. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Porto Alegre, n. 29, 2005.

VOLTOLINI, R.; DUNKER, C. I. L.; JERUSALINSKY, A. Metodologia de pesquisa em psicanálise. In: KUPFER, M. C. M.; LERNER, R. (org.). Psicanálise com crianças: clínica e pesquisa. São Paulo: FAPESP/Escuta, 2008. p. 63-91.